



ALGUMAS NOTAS SOBRE O DIÁRIO DE AULA E A NARRATIVA DOCENTE: PERSPECTIVAS PARA A FORMAÇÃO EM ARTES VISUAIS

Angélica D'Avila Tasquetto. UDESC

RESUMO: A problemática central deste artigo dá-se acerca da perspectiva da formação docente enquanto um espaço que abriga subjetividades. O trabalho desenvolvido nas disciplinas de Estágio Curricular Supervisionado, da Universidade do Estado de Santa Catarina/UDESC, organizou-se em torno das articulações entre a prática dos docentes em formação inicial do Curso de Licenciatura em Artes Visuais e as problemáticas envolvidas nos processos de subjetivação destes docentes. Para o desenvolvimento das atividades e, concomitantemente da pesquisa, foram elaborados diários narrativos, os quais tentavam buscar aproximações entre as práticas mencionadas e os espaços de formação subjetiva. Desta forma, proponho nesta escrita algumas discussões acerca do diário, da narrativa e experiências formativas.

Palavras-chave: Formação docente. Narrativa. Diário. Subjetividade. Artes visuais.

ABSTRACT: *The central issue of this article gives around the perspective of teacher education as a space that houses subjectivities. The work in the disciplines of Supervised, State University of Santa Catarina / UDESC, was organized around the joints between the practice of teachers in initial training of the Bachelor of Visual Arts and the problems involved in the processes of subjectivation these teachers. For the development of activities and, concomitantly research were prepared daily narrative, which tried to seek similarities between the practices mentioned and training spaces subjective. Thus, I propose this writing some discussions about the diary, the narrative and formative experiences.*

Key words: *Teacher training. Narrative. Diary. Subjectivity. Visual arts.*

Algumas questões para início de conversa

Venho trabalhando e atuando como professora colaboradora do curso de Licenciatura em Artes Visuais na Universidade do Estado de Santa Catarina/UDESC desde o início de 2010. É deste lugar de onde analiso minhas perspectivas enquanto docente formadora e problematizadora. Desde o começo de minha atuação docente no ensino superior, venho buscando modos de desvelar práticas pedagógicas as quais se direcionam para pesquisas de cunho subjetivo, pois venho entendendo este processo da formação docente como um espaço em que habitam “outros possíveis” e como um lugar de significação e resignificação desta prática.

Pautada na ideia de que nos formamos também com as práticas cotidianas e com os acontecimentos diários, juntando e “catando” fragmentos que constituem nossa formação enquanto sujeitos, venho buscando preponderantemente contínuas avaliações nas minhas próprias práticas de professora/pesquisadora/formadora que atua na formação de futuros professores de artes visuais e que entende o compromisso social, ético e político da educação. Entre meios aos estudos e pesquisas, realizados em inúmeros momentos e instâncias desta minha prática e atuação profissional, alguns questionamentos de grande relevância vêm se formando durante o processo. Tenho pensado que os questionamentos, as dúvidas e as incertezas são o combustível que movem a pesquisa e as formas de articular os campos de investigação. Desta forma, deparo-me constantemente com as interrogações que tensionam, reveem e reorganizam minha atuação.

Como formar professores de artes visuais comprometidos com suas práticas e que entendam seu compromisso enquanto docentes de uma área que historicamente sofre pelas mazelas tanto da profissão docente, quanto do descaso com o campo das artes visuais enquanto área de conhecimento? Como pensar os espaços subjetivos que nos constituem e nos formam como professores desta área de conhecimento? Dentre os inúmeros questionamentos tanto da minha prática enquanto professora, quanto das minhas proposições investigativas, venho a destacar estes, pois se direcionam efetivamente ao campo da formação docente e da pesquisa em artes visuais.

Venho entendendo a formação do docente em artes visuais como um campo múltiplo, de diferentes abordagens e possibilidades, como potência para rever o que já está posto e entendido enquanto certeza imutável dentro do ensino. Minhas práticas e pesquisas acerca da formação docente vêm se pautando por investigações que transitam no campo da subjetividade enquanto possibilidade formativa, aquela que está nas fendas e nas brechas desta formação. Afinal das contas, de que modos aprendemos a ser o que e como somos? Como vamos nos formando professores? São com estes questionamentos e com tantos outros que me refiro a uma pesquisa sobre diários e narrativas docentes dentro do campo do ensino das artes visuais, numa tentativa de aproximação com aquilo que constitui nossa subjetividade enquanto professores.

Então vem a dúvida, esta que é potência em toda pesquisa: Como produzir um diário pensando na formação docente? Um instrumento que não seja apenas um caderno de relatos que facilmente poderia ser substituído por páginas e páginas digitadas e formatadas conforme as normas? É possível pensar em um objeto que possa dar conta dos relatos cotidianos, das atuações nas escolas, dos planejamentos e dos fragmentos que compõem a nossa formação como sujeitos? Deparei-me com tais indagações durante o desenvolvimento deste trabalho, que agora tento organizar neste artigo.

Para as articulações iniciais, em um primeiro momento estabeleço uma discussão teórica acerca do diário docente, numa tentativa de pronunciar suas potencialidades múltiplas no campo da formação subjetiva do professor de artes visuais. Para tanto, trabalho concomitantemente com a articulação da proposta narrativa, vislumbrando potencialidades e encontros entre estes dois conceitos.

Em um segundo momento, tensiono algumas imagens, falas, relatos e escrituras dos professores em formação inicial participantes deste trabalho, com algumas articulações referentes à formação subjetiva que se deu (ou se dá), por meio do diário e da narrativa docente.

Apontamentos sobre o diário de aula e a narrativa

A política da escrita deve incluir as contradições, os conflitos, os enigmas e os problemas que restam em aberto. Não é necessário que as conclusões constituam todos fechados e homogêneos, nem é desejável que estas sejam meras confirmações de modelos teóricos preexistentes. As aberturas de um trabalho de pesquisa abrem linhas de continuidade que podem ser seguidas pelo próprio pesquisador, ou por outros que sejam afetados pelos problemas que ele levanta. (KASTRUP e BARROS, 2010, p. 76-91)

Acerca da questão levantada por Kastrup e Barros, o diário como proposta para investigar as práticas docentes das disciplinas de estágio mencionadas anteriormente, funciona como um espaço de conflito que sugere um agenciamento¹ entre formação docente e construções subjetivas. Assim, os diários docentes são problematizados para esta proposta e utilizados pelos professores em formação inicial das artes visuais primeiramente como registros de suas práticas pedagógicas e, concomitantemente como um meio de narrar e contar acerca de si e de suas experiências, isto é, acerca das forças moventes que transitam pelos territórios dos quais nos constituímos cotidianamente.

Tenho entendido que a formação docente se relaciona com outras formas de ser estar, com outros modos de existir, pautada em espaços de descentramentos e debates. E é com esta perspectiva, que procuro articular sobre os diários e as narrativas, numa espécie de convite ao que nos está latente, ao que nos explode e ao que nos extrapola. Para tanto, me reporto ao conceito de diário proposto por Zabalza (2004) a fim de pensá-lo como recurso de reflexão e reconstrução da própria prática e que se constrói a partir de nossas experiências e com componentes heterogêneos. Tais problemáticas concorrem como formas de expandir e multiplicar os sentidos a partir das conexões promovidas nos espaços dessas experiências de formação.

A partir destas proposições, os diários de aula são entendidos como elementos fundamentais deste processo. Constituem-se como novos espaços de formação que extrapulam os limites da prática docente enquanto algo meramente aplicável e descritível, pois configuram-se como diários pessoais que contém vínculos acerca de outros lugares da formação subjetiva, ou seja, os interstícios mais corriqueiros de nossas vidas, nossas histórias, nossos gostos, nossos cheiros, enfim, nossos afetos.

Neste sentido, o diário deixa de ser apenas um caderno de relatos e passa a ser um objeto de estudo em que seu texto continua em aberto. Configura-se em penetrar nas análises das causas e consequências, torna-se objeto de pesquisa. Aponta hipóteses e faz perceber os acontecimentos que se desenrolam durante as experiências no ambiente da escola ou do meio em que nos colocamos a frente no processo de construção do conhecimento com os outros colegas. (OLIVEIRA, 2011, p. 988-1000)

De tal forma, o diário constitui-se como uma experiência narrativa, pois recolhe os fragmentos e os escombros das nossas vidas a fim de reuni-los a outras ideias, com a possibilidade de produzir e multiplicar seus sentidos. Neste viés, dialogo com Dewey (2010) acerca da experiência como possibilidade para construção narrativa do diário docente, pois

a experiência ocorre continuamente, porque a interação do ser vivo com as condições ambientais está envolvida no próprio processo de viver. Nas situações de resistência e conflito, os aspectos e elementos do eu e do mundo implicados nessa interação modificam a experiência com emoções e ideias, de modo que emerge a intenção consciente. (p.109)

Assim, a problemática da narrativa e seus imbricamentos com o diário docente neste trabalho “realizam-se na bricolagem de imagens, pensamentos gestos

e afetos, desafogando olhares, remexendo modos de ver, refletir, sentir e agir.” (MARTINS E TOURINHO, 2009, p. 11). Permeio então, pelos lugares da narrativa enquanto possibilidade de agenciamento entre as relações dialógicas e subjetivas estabelecidas durante os processos de formação docente. Posto isso, a narrativa, traz a possibilidade de entrarmos em uma dimensão individual e significativa ao qual este relato se refere, pois conta de nós e de nossa experiência, nos faz margear, deslizar por campos de inquietações, afecções e percepção de nós mesmos.

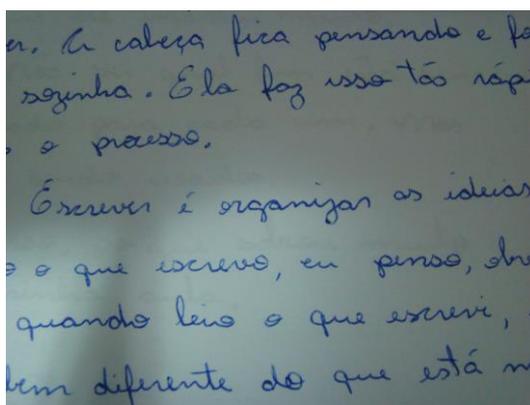


Imagem 1: Fragmento do diário de um dos participantes da pesquisa.

Atuar acerca da problemática que envolve a narrativa faz-se de suma importância para o desenvolvimento desta pesquisa, visto que se trata de uma abordagem que se dá na imersão das histórias contadas pelos participantes, posto que é através da narrativa que as pessoas relembram de fatos e colocam suas experiências em uma sequência de acontecimentos que perpassam por sua vida individual e coletiva, possibilitando a formação de novos olhares e novos relatos para a própria experiência. Connelly e Clandinin (2005, p. 11) me ajudam a pensar nos tensionamentos propostos pela narrativa dizendo que:

La investigación narrativa se utiliza cada vez más en estudios sobre la experiencia educativa. Tiene una larga historia intelectual tanto dentro como fuera de la educación. La razón principal para el uso de la narrativa en la investigación educativa es que los seres humanos somos organismos contadores de historias, organismos que, individual y socialmente, vivimos vidas relatadas. El estudio de la narrativa por lo tanto, es el estudio de la forma en que los seres humanos experimentamos el mundo.

Desta forma, a narrativa está impregnada com a experiência de vida do narrador, que nela imprime a sua marca e os seus sentidos, inventa cotidianos, promove movimentos e modos de existência.

Sob este cenário que articula formação e produção de subjetividade a partir da proposição dos diários e das narrativas docentes, em um próximo momento, abordo acerca das produções dos diários dos professores, suas falas e relatos, bem como o diálogo com as imagens que compõem as partes destes relatos. As imagens nesta escrita são partes constituintes do texto, partes singulares deste período, as quais dialogam com a experiência narrativa de cada um dos participantes desta pesquisa, portanto são abordadas como elementos ativos deste texto e não como meras ilustrações.

Instantes de fabulação: dar-se a ver ao outro

Apresento neste momento a problematização do referido trabalho que se dá no sentido de discutir sobre as experiências narrativas de professores em formação inicial do curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade do Estado de Santa Catarina a partir do diário docente. Tal trabalho está sendo realizado com as turmas de estágio curricular supervisionado onde atuo como professora orientadora.

Durante um longo período de tempo, senti a necessidade de aproximar-me de outros modos das práticas pedagógicas desenvolvidas pelos professores em formação inicial. Em seus relatos, percebia uma preocupação constante com o cotidiano e com as experiências dos alunos das escolas onde frequentavam, mas tudo isso sem levar em conta as suas próprias experiências, constituições sociais, escolhas pessoais, imagens, anseios e expectativas enquanto futuros professores.

Preocupava-me com tais fatos, pois acredito na formação que se organiza a partir da compreensão de que a subjetividade é constantemente produzida e na possibilidade de que estabelecemos formas diárias de compreender nossas relações consigo mesmo e com o mundo.

Então iniciei esta pesquisa com o intuito de que estes professores em formação inicial, pudessem andarilhar por seus escombros passados, por suas constituições sociais e pessoais, que contassem suas experiências, suas escolhas, seus gostos e seus afetos, proporcionando um diálogo direto com as práticas educativas as quais desenvolvem no estágio em artes visuais.

A forma que encontrei para argumentar e dar suporte à pesquisa foi o diário docente, pois este serviria como um guia favorecendo a reflexão constante de suas práticas pedagógicas (Porlán e Martín, 1997), permitindo também uma retomada sobre os pontos de interesse em cada aula onde discutíamos estes diários.

Além disso, a proposição foi para que, além de uma utilização do diário como recurso meramente descritivo das suas atuações nos campos de estágio, pensassem nele com um lugar para contar suas experiências, que pudessem utilizá-lo também como um diário pessoal para compor uma narrativa, onde pudessem estar presentes suas relações singulares com o mundo.

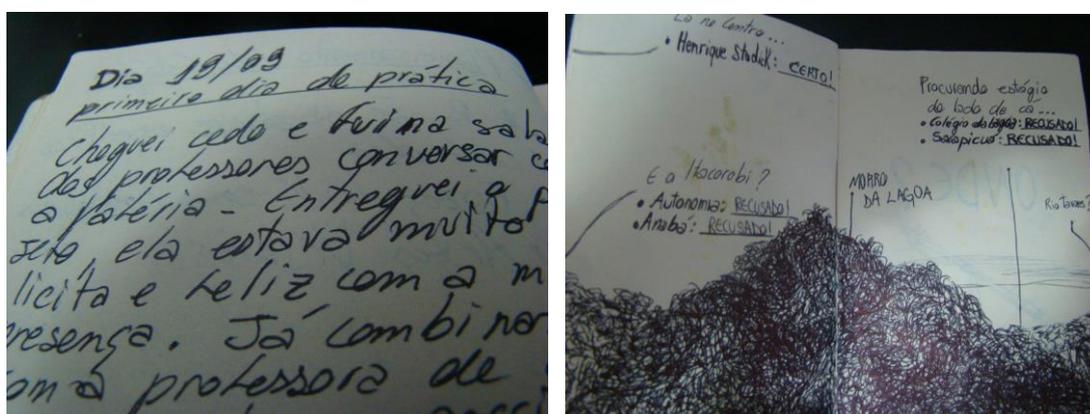


Imagem 2: Fragmentos do diário de um dos participantes da pesquisa

Desta forma, durante o processo de atuação no estágio os professores em formação inicial tinham como proposta da disciplina, a formatação de um diário que pudesse compor partes de suas experiências e suas trajetórias durante o período de estágio. Os diários foram tornando-se companheiros desta viagem tanto durante as atuações nas escolas, quanto durante os encontros semanais da disciplina. Circundavam e permeavam nossas discussões, faziam parte dessa rede que compunha a experiência da formação dos docentes em artes visuais. *“Minha mãe leu meu diário ontem. Perguntei se estava triste, disse que não era minha intenção. Ela tinha lido a primeira parte, acho que era mais alegre. Mas gosto dessa, gosto mais dessa, aliás. Ela disse que não era triste, que era real”* (relato de um dos participantes da pesquisa). Sobre este ponto, verifico que o processo da escrita do diário, possibilita a reflexão acerca de algo que já passou tensionando a possibilidade acerca da produção de subjetividades. Ou como menciona Larrosa (2011, p.69) *“é contando histórias, nossas próprias histórias, o que nos acontece e o*

sentido que damos ao que nos acontece, que nos damos a nós próprios uma identidade no tempo”.

Saliento de tal forma, que o estudo da narrativa para este trabalho, caracteriza-se pelo desdobramento do que foi vivido e pelas possíveis conexões estabelecidas. Possibilita permear de modo, talvez mais profundo, sobre os processos formativos dos futuros professores na medida em que proporciona um momento de reflexão sobre suas práticas pedagógicas, podendo assim, acarretar em uma *mirada* sobre suas experiências trazendo novas concepções sobre estas práticas.

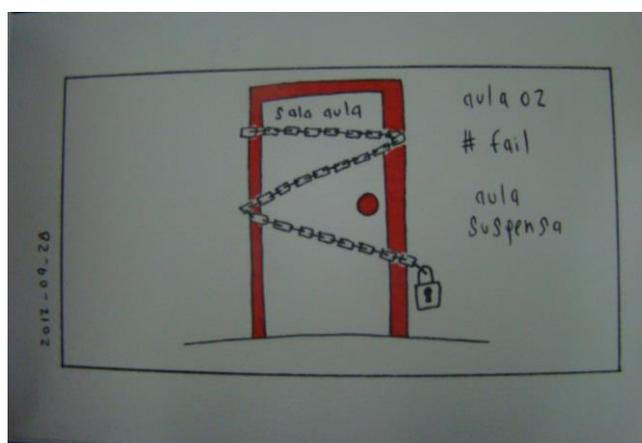


Imagem 3: Fragmento do diário de um dos participantes da pesquisa

Assim, o trabalho docente articula-se com olhar e com a subjetividade destes professores em formação inicial, entendendo subjetividade como as escolhas que fazemos, os julgamentos que emitimos, aquilo que nos afeta e nos impulsiona a agir em direção ao que desejamos (ARANHA e MARTINS, p. 2005), ou ainda, abarca os nossos pensamentos mais pessoais e a compreensão que temos de nós mesmos (WOODWARD, p. 2000). Ao narrar sobre as aulas, sobre as escolas, sobre os alunos e sobre as atividades diárias, fomos construindo uma teia de conexões, não de forma linear e sim, como pontos de agrupamentos, justaposições e produções de sentido. Assim como apontam Martins e Tourinho (2009, p. 1-12)

Ao narrar um acontecimento, no fluxo cotidiano de relações e inter-relações, a pessoa tem a oportunidade de re-visitar e re-organizar sua experiência de modo que ela adquira uma ordem coerente e significativa, dando sentido e significado ao evento ou situações relatados.

De tal forma, as experiências comentadas por cada um dos professores em formação inicial durante os encontros trouxeram suas produções de sentido em relação à construção dos olhares sobre os contextos e espaços os quais pertencem. Hernández (2007) fala acerca de tal questão quando menciona que

uma narrativa dominante na educação que não responde às necessidades de dar sentido ao mundo onde vivem os educandos. Ainda assim, fala de “uma educação para indivíduos em transição, que construam e participem de experiências vivenciadas de aprendizagem, pelas quais aprendam a dar sentido ao mundo em que vivem [...]” (p. 15)

O diário passava a se construir como uma paisagem constantemente reformulada e reconfigurada com elementos de interesse para cada um: imagens, colagens, falas, escritas, poesias, letras de músicas e tudo aquilo que dizia respeito a tal processo. Suas experiências se constituíam também de recordações, de medos, de desejos, de sonhos e angústias. As narrativas em sala de aula se constituíam de fragmentos desse diário. Fragmentos que revelavam não somente suas histórias, mas suas possibilidades de rever e pensar a cada dia suas práticas pedagógicas. *“Estava lembrando dos meus dias de estágio, tem algumas coisas que lembro muito. Como se tivessem acabado de acontecer”* (relato de um dos participantes da pesquisa).

Destarte, no âmbito desta proposição, alinhabei uma reflexão sobre um professor narrador, que a partir de seus afetos e que não tem por objetivo construir um processo docente que seja visto como uma unidade restrita, mas ao contrário disto, objetiva construir formas sempre diferenciadas e em constante processo de devir. *“Vou voltar a escrever. Tenho bastante dificuldade de falar sobre mim. Devo admitir que o diário me fez bem. Quando eu era mais nova costumava escrever cartas para as pessoas. Quase nunca obtinha respostas. Mas era uma alegria só quando o carteiro entregava uma resposta”* (relato de um dos participantes da pesquisa).

Suas narrativas, falas e relatos trouxeram mais do que esta pesquisa buscava “ouvir”, vieram com sentimentos, com dúvidas e incertezas. Mas o que mais importou nesse período foram os momentos de fala e escuta. Articulamos um trabalho que nos permitisse um tempo de perceber sua intensidade, deixar que ouvissem a si próprios enquanto educadores em formação inicial, que acreditam no

ensino e nas artes visuais e que acreditam em todas suas possibilidades de transformação.

Algumas notas finais

Dentre tantos os questionamentos elencados no início desta escrita e para a proposição inicial desta pesquisa, tenho consciência de que muito há de ser feito para que sejam respondidos. Talvez nem venham a ser. Mas por hora, retomo aqueles que de fato mobilizaram-me para dar sequência e prosseguimento nesta investigação: Afinal, de que modos aprendemos a ser o que e como somos? Como vamos nos formando professores? Como produzir um diário pensando na formação docente?

Percebo estas como as questões fundamentais desta proposta que fala sobre formação docente no campo das artes visuais. Percebo também, que somos constituídos por um conjunto de afirmações, crenças e práticas sociais efêmeras, as quais articulamos com nossas experiências cotidianas. Entendo de tal modo, a formação dos professores enquanto pertencente a uma natureza provisória, passível de mudança, tão logo tais experiências também sejam modificadas.

Desta forma, procurei discutir a produção da subjetividade e a formação inicial do professor como um processo de narrativa através do diário docente que por sua vez potencializa o reconhecimento de nossas próprias histórias de vida, fala de experiências da formação docente, que multiplica olhares e sentidos, que provoca experiências com a possibilidade de “flertar com as forças desestabilizadoras da vida” (Preciosa, 2010, p. 38).

Portanto, na esteira deste percurso ainda vislumbro desdobramentos para esta pesquisa que está em constante fase de mudança. Sinto-me confortável em pensar nos deslocamentos, dúvidas e incertezas que esta investigação ainda propõe enquanto lugar possível para a formação docente que se articula e se singulariza no cotidiano através de experiências e relações com as pessoas e com o mundo.

NOTAS

¹ A subjetividade é produzida por agenciamentos de enunciação. Os processos de subjetivação, de semiotização - ou seja, toda a produção de sentido, de eficiência semiótica - não são centrados em agentes individuais (no

funcionamento de instâncias intrapsíquicas, egóicas, microssociais), nem em agentes grupais. Esses processos são duplamente descentrados. Implicam o funcionamento de máquinas de expressão que podem ser tanto de natureza extra-pessoal, extra-individual (sistemas maquínicos, econômicos, sociais, tecnológicos, icônicos, ecológicos, etológicos, de mídia, enfim sistemas que não são mais imediatamente antropológicos), quanto de natureza infra-humana, infrapsíquica, infrapessoal (sistemas de percepção, de sensibilidade, de afeto, de representação, de imagens, de valor, modos de memorização e produção de idéia, sistemas de inibição e de automatismos, sistemas corporais, orgânicos, biológicos, fisiológicos, e assim por diante.). (GUATTARI e ROLNIK, 1999, p.31).

REFERÊNCIAS

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena [Orgs.]. **Temas de filosofia**. São Paulo: Moderna, 2005.

CONNELLY, M.; CLANDININ, J. Relatos de experiencia y investigación narrativa. In: LARROSA, J. et. al. **Déjame que te cuente**: ensayos sobre narrativa y educación. Barcelona: Laertes, 2005. pp. 11-59.

DEWEY, John. **A arte como experiência**. 1ª Edição. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica**: Cartografias do Desejo. Petrópolis: Vozes, 1999.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Catadores da Cultura Visual**: proposta para uma nova narrativa educacional. Porto Alegre: Mediação, 2007.

KASTRUP, Virgínia; BARROS, Regina Benevides de. Movimentos-funções do dispositivo na prática da cartografia. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da [Orgs.]. **Pistas do Método da Cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2003, pp. 76-91.

LARROSA, Jorge. Tecnologias do Eu E Educação. In: SILVA, Tomaz Tadeu [Org.]. **O Sujeito da Educação**: Estudos foucaultianos. Petrópolis: Vozes, 2011, pp. 35-86. MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene [Orgs.]. **Educação da cultura visual**: narrativas de ensino e pesquisa. Santa Maria: UFSM, 2009.

MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene. Pesquisa narrativa: concepções, práticas e indagações. In: **Anais do II Congresso de Educação, Arte e Cultura -CEAC**. Santa Maria: 2009. pp. 1-12.

OLIVEIRA, Marilda O. de. A Perspectiva da Cultura Visual, o Endereçamento e os Diários de Aula como Elementos para pensar a Formação Inicial em Artes Visuais. In: **Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas – ANPAP**. Rio de Janeiro: 2011. pp. 988-1000.

PORLÁN, R.; MARTÍN, J. **El diario del Profesor** – un recurso para la investigación en el aula. Sevilla: Díada editora, 1997.

PRECIOSA, Rosane. **Rumores Discretos da Subjetividade**: sujeito e escritura em processo. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2010.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da [Org.] **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 6ª Edição. São Paulo: Vozes, 2000, pp. 07-72.

ZABALZA, M. **Diários de aula**: um instrumento de pesquisa e desenvolvimento profissional. Porto Alegre: Artmed, 2004.

Angélica D'Avila Taschetto

Bacharel e Licenciada em Desenho e Plástica (UFSM/RS); Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação, Linha de Pesquisa Educação e Artes (PPGE/UFSM). Membro do GEPAEC – Grupo de Estudos e Pesquisas em Arte, Educação e Cultura. Professora Efetiva da Rede Estadual de Educação do Estado de Santa Catarina, Professora Colaboradora do DAV - CEART – UDESC.